



O RITUAL DA CIRCUNCISÃO BAKONGO COMO UM DOS ELEMENTOS DA PEDAGOGIA AFRICANA

EL RITUAL DE CIRCUNCISIÓN DE BAKONGO COMO UNO DE LOS ELEMENTOS DE LA PEDAGOGÍA AFRICANA

THE BAKONGO CIRCUMCISION RITUAL AS ONE OF THE ELEMENTS OF AFRICAN PEDAGOGY

Chiquito Afonso Fernando Domingos, MsC.

Docente na Escola Superior Pedagógica do Cuanza-Norte

chiquitoafonsodomingos@especn.ao

<http://orcid.org/0009-0005-1414-8588>

Valdmir Francisco Manuel Gamboa, PhD.

Director Geral Adjunto para área Científica e Pós-graduação da Escola Superior Pedagógica do Cuanza-Norte

valdmirgamboa@especn.ao

<https://orcid.org/0000-0002-8448-6348>

Resumo

Neste estudo, objetivamos analisar o ritual de circuncisão Bakongo como um dos elementos da pedagogia africana. Para tal, o estudo baseou-se no método de entrevista e bibliográfica. De igual modo, quanto a natureza a pesquisa é básica e no concerne a abordagem é qualitativa. Por conseguinte, os resultados demonstraram que no *Dilongo* – ritual de circuncisão Bakongo reside, também, o exercício da pedagogia africana, porque, mais do que o corte do prepúcio, nela educa-se os indivíduos - *Kudas* para vida. De igual modo, entendeu-se que a força da pedagogia africana no contexto da circuncisão Bakongo, foi beliscada pelas doutrinas coloniais, que trouxeram novos *modus operandi* e, determinaram a destruição de boa parte das estruturas tradicionais educativas africanas. Outrossim, percebeu-se que a circuncisão Bakongo é um dos elementos da prática pedagógica africana, porque se propõe à formação do indivíduo, visando a sua inserção na sociedade. Ademais, a conclusão revela que a pedagogia nunca foi apenas a transmissão de conhecimentos por meios didáticos profundamente propagado nos espaços contemporâneos, pois, em cada complexo ritual de circuncisão africana, sobretudo Bakongo, reside um conjunto de princípios educativos que são responsáveis pela transformação, integração e desenvolvimento social do *muntu* (pessoa).

Palavras chaves: Dilongo; Maseka; Kuda; Circuncisão; Pedagogia africana.

Resumen

En este estudio, nuestro objetivo fue analizar el ritual de circuncisión Bakongo como uno de los elementos de la pedagogía africana. Para ello, el estudio se basó en la entrevista y el método bibliográfico. Asimismo, la naturaleza de la investigación es básica y el enfoque cualitativo. Por lo tanto, los resultados demostraron que en el ritual de circuncisión Dilongo – Bakongo, también hay ejercicio de la pedagogía africana, porque, más que cortar el prepucio, educa a los individuos – *Kudas* para la vida. Asimismo, se entendió que la fuerza de la pedagogía africana en el contexto de la circuncisión bakongo se vio socavada por las doctrinas coloniales, que trajeron nuevos *modus operandi* y determinaron la destrucción de gran parte de las estructuras educativas tradicionales africanas. Además, se constató que la circuncisión Bakongo es uno de los elementos de la práctica pedagógica africana, porque tiene como objetivo formar al individuo, buscando su inserción en la sociedad. Además, la conclusión revela que la pedagogía nunca fue sólo la transmisión de conocimientos a través de medios didáticos profundamente propagados en los espacios contemporáneos, ya que, en cada complejo ritual de circuncisión africano, especialmente el

Bakongo, reside un conjunto de principios educativos responsables de la transformación, la integración y la transformación social. desarrollo del muntu (persona).

Palabras clave: Dilongo; Maseka; Kuda; Circuncisión; Pedagogía africana.

Abstract

In this study, we aimed to analyze the Bakongo circumcision ritual as one of the elements of African pedagogy. To this end, the study was based on the interview and bibliographic method. Likewise, the nature of the research is basic and the approach is qualitative. Therefore, the results demonstrated that in the Dilongo – Bakongo circumcision ritual, there is also the exercise of African pedagogy, because, more than cutting the foreskin, it educates individuals - Kudas for life. Likewise, it was understood that the strength of African pedagogy in the context of Bakongo circumcision was undermined by colonial doctrines, which brought new modus operandi and determined the destruction of a large part of traditional African educational structures. Furthermore, it was noticed that Bakongo circumcision is one of the elements of African pedagogical practice, because it aims to train the individual, aiming at their insertion into society. Furthermore, the conclusion reveals that pedagogy was never just the transmission of knowledge through didactic means deeply propagated in contemporary spaces, since, in each complex African circumcision ritual, especially Bakongo, resides a set of educational principles that are responsible for transformation, integration and social development of the muntu (person).

Keywords: Dilongo; Maseka; Kuda; Circumcision; African pedagogy.

Introdução

Nesta pesquisa abordou-se sobre o ritual da circuncisão bakongo como um dos elementos da pedagogia africana. Importa salientar que o referido ritual também conhecido por “*Dilongo*” é uma fonte da educação na cultura africana, tornando-se num forte pilar da pedagogia Bantu, pois, está alicerçado na construção de valores susceptíveis de despoletarem uma boa orientação e coordenação do comportamento do indivíduo. Neste caso, o Dilongo é um ritual que mais do que ser um simples corte do prepúcio (Yota), constitui uma ferramenta da educação integradora do *muntu* (pessoa) na comunidade Bakongo.

Para África, o trabalho pedagógico não está simplesmente na “realização de actividades de ensino-aprendizagem em sala de aula” (Monteiro, 2010), mas em toda acção que envolve os rituais de iniciação e passagem, concebendo na mente do individuo um conjunto de princípios inerentes ao *ser, saber, saber ser e saber fazer*. Por isso, o acampamento da circuncisão (Yota), onde se realiza a circuncisão (Dilongo), constitui uma escola da vida e que dá suporte a vida do muntu. Este ritual cheio de simbolismo e pendor pedagógico, conserva e conecta o individuo ao criador da vida, o *Nzamby -a- Mpungo* (Deus todo-poderoso) e o mantém como *muntu a Nzamby* (pessoa de pertencente a Deus), que reproduz rigorosamente a sabedoria e a educação que esse criador dele espera.

Afirma Madeira (2006), que a circuncisão consiste num ato de remoção da pele que circunda a ponta do pénis. Na perspectiva Bakongo, em particular e Bantu em geral, a circuncisão é África não é apenas o corte do prepúcio, mas um processo complexo de escolarização, na qual, o homem é preparado para comunidade e a vida, marcando sua transição da infância para idade adulta, o que determina a adoção de hábitos e actividades adultas, como: fumar com moderação, constituir família (Nkanda), ter sua própria lavra, dentro da herança da família e aquisição da responsabilidade moral e social.

2 De igual modo, Altuna (1985), não considera a circuncisãocomo a remoção do prepúcio, mas “um ritual sagrado que determina a construção da personalidade social e sexual do homem, bem como, sua honra, pois, na tradição Bantu o homem de verdade e viril, é aquele que passa por este ritual”.

Por conseguinte, é de corroborar, porque na tradição oral e cultural africana, a circuncisão determina a maturidade do homem, além do corte do prepúcio e, todo homem que adere este ritual é integrado, respeitado e considerado como educado e futuro pedagogo da família que por meio da sua virilidade há de continuar o legado.

A circuncisão é uma prática ancestral que existe desde os tempos remotos, não é apenas um simples corte do prepúcio. Ela carrega consigo um grande símbolo cultural por ser um procedimento cirúrgico arraigado de múltiplos significados sagrados. É passaporte para vida conjugal, ou seja, simboliza a coesão da escola do amor e da socialização, visando a integração e interação social, bem como uma iniciativa de preservação e emancipação de um povo com leis e expectativas tradicionais individuais.

Apesar de tudo, constatamos atualmente muitos indivíduos que desconhecem o valor da circuncisão Bantu, sobretudo, Bakongo. E, esta situação compreende-se devido as sequelas deixadas pela colonização que separou os africanos dos seus valores, ou seja, da sua pedagogia e modos de ensino-aprendizagem. Basta olhar para realidade da circuncisão no mundo, onde muitos países acham esta prática como sendo mutilação e que deve ser banida. Ademais, maior parte dos meninos africanos são circuncidados nos hospitais, alegando-se que as condições atuais são um atentado a saúde pública. Outrossim, a prática da globalização que contrasta com o conceito real, devido a imposição de valores ocidentais contra as antigas colônias, vai matando essa mística e fonte da pedagogia africana – *Dilongo*.

Por isso, a luz desta situação formulou-se o seguinte problema: até que ponto o ritual de circuncisão Bakongo representa um dos elementos da pedagogia africana? Igualmente, estabeleceu-se como objetivo geral “analisar até que ponto o ritual de circuncisão Bakongo representa um dos elementos da pedagogia africana. E, determinou-se como objetivos específicos os seguintes: contextualizar a circuncisão Bakongo como elemento pedagógico da tradição africana; estabelecer o enquadramento metodológico do estudo em questão; detalhar a circuncisão Bakongo enquanto um dos elementos da pedagogia a africana.

Outrossim, a presente investigação justifica-se pelo facto de que permitirá que sociedade angolana, valorize o sentido pedagógico da circuncisão no contexto tradicional como elemento pedagógico africano, especialmente, o Bakongo que tem sido um do suporte da cultura neste quesito pela resiliência dos seus guardiões – tradição oral, numa Angola, onde o colonialismo deixou muitas sequelas e reduziu a força da identidade dos angolanos. Outrossim permitirá que os académicos e investigadores sintam a necessidade de buscarem nos rituais de iniciação africano, com particular atenção a circuncisão, a pedagogia africana e o seu valor para se defender, num mundo onde somos bombardeados com globalização que ao invés de ser globalização, tem sido uma espécie imposição dos valores do ocidente e neocolonialismo cultural.

1. Panorama da circuncisão Bantu

Tanto o Dilongo, entre os Bakongo, Mukanda entre os Tchokwe, Evamba entre os Ovimbundu e Ekwendje entre os Ovambos e Nyenka, são reituais que servem de preparação para vida, na qual, educa-se o indivíduo a ser responsável e a lidar com as adversidades da vida. A circuncisão é para o povo africano um ritual indispensável porque ela se refere a uma escola da vida, onde a pedagogia exercida pelos mestres marca a passagem da infância dos alunos para a idade adulta. Neste sentido, o acampamento da circuncisão é um espaço onde a pessoa aprende valores inerentes a sua idade e além, respeitar os mais velhos, a justiça e comportamentos que lhe servem de orientação nas relações sexuais e sociais.

Neste rito, rapazes e raparigas que chegaram a idade apropriada são iniciadas na fase adulta das suas vidas. Este rito é destinado principalmente a preparar os jovens para os respectivos papéis como adultos. [...], são elaborados com duração de pelo menos várias semanas e terminadas com dia de festa para a toda a comunidade [...], muitas vezes incluem instruções

sobre questões sexuais, a fim de preparar estes rapazes para o seu eminente papel conjugal e outras tarefas que a vida adulta irá de exigir deles. (Altuna, 1985, p. 203)

Contudo, isso quer dizer que tais ritos colocam os rapazes à prova, onde, de alguma forma, são chamados a fazer demonstração de coragem e bravura, a fim de ser considerados parte integrada da comunidade. Por isso, Estermann (1960) refere que os rapazes são submetidos a um teste de coragem e fortaleza, uma prova de sobrevivência durante a qual devem ficar sozinhos na floresta por determinado período de tempo, a fim de fortalecer sua masculinidade e posterior integração na sociedade como homem capaz de resolver problemas e propor uma convivência sadia.

Outrossim, os rituais de circuncisão, são realizadas em condições ambientais próprios, isolando-se da comunidade os rapazes, na qual, por meio de um mestre, são educados a sobreviver, suportar as responsabilidades familiar, trabalhar para família, providenciar os filhos, ser responsável e respeitar os anciãos da aldeia. É um o processo que por um lado funciona como uma recruta ou acampamento que determina a separação dos jovens do seu meio habitual de convivência. Razão pela qual Altuna (1985) afirma que:

A iniciação masculina completa-se com os seguintes ritos sucessivos: separação da família e da comunidade, circuncisão, reclusão num local reservado, [...], e saída-regresso à aldeia com reintegração na comunidade na qualidade de homem novo, renascido. Situações que, por estarem carregados de emoção, mistério, dramatismo, religiosidade e alegria, originam uma vivência psíquica que marca e determina para toda a vida o homem bantu (p. 279).

Em África a pedagogia funciona de vários moldes e acima de tudo está amalgamado nos rituais de iniciação. Ela simboliza a frequência de aulas para passar ou aprovar de classe, pois, para ser macho e um homem respeitado, o rapaz de tem de ser aprovado pelos mestres da circuncisão – na Mukanda, Dilongo, Ekwendje, Evamba e outros. Não há integração devida sem que o indivíduo passe pela circuncisão. Se um homem não passar nela para ser aprovado neste processo, ainda que tenha se casado, torna-se tímido e se for descoberto, tanto ele, quanto os seus pais serão intimidados e marginalizados até que o mandem para escola da educação social e sexual.

1.2. Circuncisão Bakongo e o seu pendor pedagógico

Antes de mais, importa salientar, que os povos Bakongo, são vastos e constituem um dos maiores grupos etnolinguístico em Angola, compreendendo as províncias do Uíge, Zaire e Cabinda. Além desta circunscrição, segundo Thornton (2012, p. 68), podem ser encontrados no Gabão, “República Democrática do Congo e Congo”. De igual modo, é de realçar que os Bakongo são um dos grupos mais conservadores culturalmente em diferentes parcelas do continente africano, destacando-se fundamentalmente pelo seu respeito e valorização pela ancestralidade cultural e sucessão hierárquica. Praticam e conservam a circuncisão como sinal de respeito aos antepassados.

Afinal o que é circuncisar no contexto Bakongo? Segundo Altuna (1985, p. 188) Circuncisarna tradição Bakongo chama-se “*zenga, sala ou yota*”, que é extrair a pele que cobre a parte anterior ou a cabeça do pénis (mvia), a fim de aumentar o tamanho deste órgão sexual masculino e dá-lo beleza, mais tesão, força e produtividade”. Na pedagogia africana, o Yota, parte do ritual Diolongo, é um ato que possibilita a conservação da identidade e a autoestima do homem. Por isso, é um elemento obrigatório para se evitar humilhações e vexames. Por outro lado, as palavras de Nkondo (2015) são profundas ao reiterar o seguinte:

Para os bantu [...], a circuncisão é um acto de ética, de virilidade e orgulho masculino. Só se circuncisa um homem e nunca uma mulher. Um homem não circuncisado é chamado “*Sutu*” ou “*Ebolo*” (singular), “*Masutu*” ou “*Mabolo*” (Plural) e é estigmatizado, discriminado, a ponto de ter dificuldades de encontrar uma menina que lhe aceita para casamento (para. 2-3).

4 De igual modo, Silva (2006, p. 55) refere mesmo que “[...] já houve caso de divórcio ou de conflito provocado pelo facto de a mulher ter descoberto que o marido é *Sutu*, não circuncisado”, o que

demonstra a importância e o valor antropológico, sociológico e pedagógico da circuncisão no contexto africano. Um outro caso caricato é mencionado por Nkondo (2015), que diz que:

[...] um casal depois de ter vivido muito tempo e feito filhos, quando a mulher descobriu que o marido era Sutu, [...], apresentou queixa aos cunhados e à tia [...]. Estes informaram os pais da mulher que, depois de verificar e certificar que o homem era mesmo Sutu, separaram-no temporariamente da esposa e obrigaram-no a fazer-se circuncisar. Só depois de ter sido circuncisado e curado é que o genro voltou a juntar-se a sua mulher (para. 5).

Isto significa que para ser homem de verdade e granjear respeito a nível da sociedade e da família, é preciso ser circuncidado, porque se esconder-se, a esposa e os seus pais não terão paz, porque além de ti, eles também serão estigmatizados e marginalizados como sinal de irresponsabilidade paternal. Neste sentido, a pedagogia é aqui um elemento que orienta a atuação do homem, tendo em conta os padrões do grupo cultural a que faz parte.

Para Esterman (1960), numa comunidade bantu, ser chamado Sutu é um grande insulto, um adjectivo pejorativo. Por exemplo um indivíduo não circuncisado as pessoas quando o vejam a passar o abusam da seguinte forma: “*Kazengua ko, esutu evo ebolo*”, que significa não é circuncisado, é *sutu* ou *bolo*. Esta discriminação é a condição pela qual ninguém quer passar, por isso, os meninos preferem participar do ritual para serem verdadeiramente homens e voluntários da linha da frente na comunidade e não objetos de vexames.

A circuncisão é feita à idade de adolescência, quando o menino consegue caçar os ratos selvagens. Quando o menino consegue fazer armadilhas para ratos, chamadas “*Ntambu mia mpuku*” (fixas na terra). Nunca em bebês, ao contrário do Ocidentalismo e a Colonização que incentivam a circuncisão em bebês, de maneira que estamos a perder uma prática pedagógica que prepara homens para vida conjugal e familiar.

Numa aldeia e no Inverno, os pais que desejam circuncisar os seus filhos contratam um especialista. Este reúne os meninos, escolhe um local nas imediações da aldeia onde estes construirão uma cabana que servirá de seu abrigo. Este local é chamado *Seka* ou *Maseka*¹. “*Kuenda kuseka*” (ser circuncisado). A circuncisão é feita de pé muito cedo de manhã com uma navalha. Esta cirurgia ocorre com uma só corte rápida e seca, sem anestesia nem vacina antitetânica. Mesmo assim, não se regista caso de hemorragia ou de desmaio de pessoas operadas. O corte não se repete. Tanto o cirurgião como o circuncisado não vêm onde vai a parte extraída que é atirada num único corte rápido longe do local (Nkondo, 2015, para. 9-10).

Vale referir que no momento da cirurgia, o especialista deve ter o cuidado de não cortar a cabeça do pénis e a veia principal que fica debaixo do órgão sexual masculino. Ele deve circuncisar de maneira a deixar a cabeça do pénis completamente saliente. Segundo Altuna (1985): “Depois da operação, os meninos circuncisados passarão a chamar-se *Kuda*. Estes ficarão retidos em quarentena no *Maseka* durante uma semana e meia ou duas semanas, até que a ferida seja completamente curada” (p. 127). De igual modo, Esterman (1960) reitera que:

A circuncisão bantu é feita por duas pessoas distintas, um “cirurgião” e um “enfermeiro tradicional” encarregue de fazer o curativo, o penso. Este último é o especialista que, não só faz o penso, como também dá o formato, o tamanho do pénis, em comprimento e grossura. Ele usa uma casca de bananeira como gesso e a folha jovem da mesma (bananeira) que passa ligeiramente pelo fogo como ligadura (p. 164).

Contudo, “um pénis circuncisado tradicionalmente é maior em comprimento e volume que aquele que é operado numa medicina moderna e satisfaz melhor uma mulher na cama, porque fica mais grosso e teso” (Esterman, 1960). Ademais, Silva (2006) menciona que “[...] o curativo é diário, com

¹Também significa aquele que cuida. Depois da cirurgia fica o trabalho de tratamento da ferida do pénis (nvia) e este é operacionalizado por alguém que também o nome de Maseka. Em suma, Maseka é onde se cuida ou aquele que cuida.

porções de cascas de arbustos chamados *Lolo* e *Muindu*, como remédio. Exceto a navalha, neste processo não entra nada de moderno. É a este homem que se faz uma grande vénia”. (p. 71).

Ele não vive com os *Kuda* no *Maseka*, ele vem todas as manhãs da aldeia e quando aparece, é recebido pelos meninos em quarentena com cânticos e danças obscenos próprios do processo. Os *Kuda* caça ratos para ele. Até que as feridas sejam completamente curadas, os *Kuda* só usam panos que ficam afastados do órgão sexual por um “*Ntambu*”, um dispositivo de pau colocado na cintura de maneira a esticar o vestuário (Altuna, 1985, p. 199).

O processo decorre sob um ritual exibido pelos *Kuda*. Durante a permanência dos circuncisados no *Maseka*, o local é vedado às pessoas estranhas, para evitar o sangramento das feridas. Se o local receber visita de uma pessoa que fez uma relação sexual ou uma mulher que está de menstruação, as feridas dos circuncisados sangram. As visitas são recebidas longe do local, num tipo de controlo ou barreira instalado à entrada. Os *Kuda* preparam a sua comida, mas não tomam banho até que as feridas sejam curadas. Quando se desloca ao arredor do local, para fazer necessidade ou caçar ratos, usa um arbusto chamado *Nsagalavua* que mastiga e aspergia ao longo do caminho, para evitar o sangramento em caso de pisar num local por onde passou uma pessoa que fez relação sexual ou uma mulher de menstruação “*Nkento wuna kungonde*”.

Percebe-se que não é um mero corte do pénis, porém, um conjunto de atividades que expressam a tradição e a educação do homem africano. Em África, para se ser homem de verdade deve-se passar pela escola da Circuncisão, uma escola que ensina o homem ser homem, ou seja, macho o suficiente para cuidar da família e satisfazer devidamente a sua esposa, tornando-se, não só, uma figura paternal, mas máquina de reprodução e multiplicação da geração e descendência – o legado que os ancestrais estimulam e protegem parase manterem sempre vivos na família.

Para Altuna (1985, p. 235) nas “tradições bantu, um órgão sexual masculino não circuncisado tem pouca tesão, não levanta bem e tem pouca força. Daí, não provoca bem o orgasmo e não excita a mulher”. Neste sentido, a perspectiva da circuncisão Bantu, tem um simbolismo cultural muito profundo, à medida que não está associada simplesmente a cirurgia, mas na construção da masculinidade, por tornar o homem forte e viril.

Outrossim, não é fantasia dizermos que a circuncisão tem grande impacto entre os Bakongo, tanto é que Silva (2006, p. 67) afirma que “uma relação sexual na condição de *sutu* “retarda a ejaculação, pois o capuz que cobre a cabeça do pénis, faz a função de uma camisinha com pequeno orifício. Este capuz é um isolador, uma vassoura dentro do sexo feminino”. Ademais, não queira dizer que um *kuda* não pode ter relação sexual demorada e ejaculação controlada, porém, não de maneira excessiva para não matar o prazer e o sentido do momento, parecendo estar a usar camisinha. Neste sentido, a circuncisão bantu, sobretudo, Bakongo, é fundamental, porque ela devolve a dignidade ao homem, retira a criança que morava na sua alma, antes do ritual, tornando-o forte e digno de ser macho, contrário de um *sutu*– não circuncisado. Gollaher (2000), reitera que:

Um *Disutu* precisa de arregaçar a pele que cobre a cabeça do seu órgão sexual antes de penetrar na vagina e durante o acto sexual, esta pele faz o movimento de vai e vem deixando o lixo que se encontra debaixo dela no corpo da companheira e levando o que encontra pelo caminho. (p.76)

Assim sendo, na tradição oral e cultura africana, sobretudo Kikongo, o *Disuto*, além de não possuir qualidades dignas de ser para ser integrado como parte da comunidade de homens e guardiões da aldeia, sua condição não é higiênica o suficiente, constituindo por si só uma espécie de atentado a saúde própria e da mulher. Todavia, nessa escola que se chama *Dilongo*, aprende-se diversos valores, tais como: a higiene, respeito pelo seu e o corpo da parceira. De igual modo, aqueles que não obedecem ao ritual de circuncisão, os *disutu* ou *ebolo*, podem acarretar sérios problemas, além do poder da masculinidade, à medida que até os seus descendentes, estão sujeitos a “apresentarem características estranhas ou serem filhos débeis” (Altuna (1985, p. 176).

Assim sendo, entende-se que na cultura Bantu, se um homem se eximir da obediência ao ritual de circuncisão, pode ter problemas que transcende o prepúcio que cobre o seu pénis, pois, até os

descendentes podem apresentar aspectos genéticos ou características congênitas estranhas aos demais meninos da comunidade, porque desobedeceu uma regra que terá sido instituído pelos ancestrais. Logo, a pedagogia do *Dilongo*, além de ser prática, também é mística, a medida que os desobedientes além da reprovação social, também recebem rejeição e maldição dos ancestrais, que intermediando com Nzamby-a-Mpungu, têm o poder de abençoar ou amaldiçoar.

2. Metodologia

Quanto aos objetivos, a presente investigação é “analítica”, porque fundamentou-se na análise profunda sobre o sentido pedagógico do ritual de circuncisão Bakongo na tradição e cultura africana. De acordo Sellitz et al. (1965) como citado em Oliveira (2011, p.20), este tipo de estudo ou pesquisa “busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos”.

Outrossim, por ser uma pesquisa qualitativa foi usado o método de entrevista que segundo Cervo e Bervian (2002) consiste “na recolha de dados, baseada no diálogo cara a cara entre o investigador e o entrevistado, visando a busca de informações necessárias ou cruciais a pesquisa”. De igual modo, Gil (1999), afirma que “a entrevista é um dos métodos de busca de dados mais adotadas em investigações de âmbito social, sendo muito pertinente na aquisição ou alcance de informação sobre o que as pessoas compreendem, acreditam ou almejam sobre um facto ou fenómeno, assim como, os motivos das respostas que concedem”. Por isso, justifica-se incontestavelmente o recurso feito a este método, mediante a concretização da pesquisa, porque é imprescindível a medida que facilitou a busca de resultados suficientes, com base na estrutura ou tipo de entrevista que utilizamos, devido à necessidade consolidação e comprovação das hipóteses ou problema levantado.

Importa realçar que o Guião ou roteiro de perguntas, que configuram a nossa “entrevista” é “padronizada”, ou “entrevista estruturada”, pois, convergem com o que afirma Oliveira (2011, p. 36), segundo o qual, “as entrevistas estruturadas são aquelas nas quais as questões e a ordem em que elas comparecem são exatamente as mesmas para todos os respondentes”. Neste caso, a entrevista foi aplicada a uma amostra de 30 indivíduos, sobre uma população de 65 elementos, que vivenciaram circuncisão Bakongo, com idade entre 45 e 55 anos de idade. Dos entrevistados, 20 fazem parte da comunidade Bakongo, residentes na cidade de Ndalatando, mas provenientes da Província do Uige e Zaire, enquanto que, 5 são anciãos da Província do Uige, naturais do Município Negage.

Por conseguinte, é de realçar que a técnica de amostragem referente ao nosso estudo é “amostragem por conveniência”, na qual, segundo Adelaide Figueiredo e Fernanda Figueiredo (2011) “os elementos são escolhidos porque se encontram no local onde estão a ser recolhidos os dados para o estudo”. Outrossim, recorreu-se ao método bibliográfico na óptica de Vergara (2000) é aquela “é potenciada essencialmente, a partir de documentos já publicados e organizados, composto, principalmente de livros e artigos científicos e é pertinente para busca de dados básicos ligados ao tema em estudo”.

3. Resultados e discussões

Nesta questão parte dos entrevistados afirmaram unanimemente que a circuncisão Bakongo – Dilongo, é mais do que corte do prepúcio para estar apto para o casamento, porque é um ritual completo e complexo, na qual, todos os jovens são ensinados a lidar com as adversidades da vida. O Dilongo é na verdade escola da vida, porque os ensinamentos que advém são tão transversais que formam um novo homem para a comunidade e a cultura.

Nesta sendo o entrevistado Mabanza (pseudónimo), referiu que a “circuncisão é tão importante que quem passa nela é considerado impuro. Por isso, não pode casar (*na kuzengyluku Kulendi Kwe Laku*) e, se não pode casar, ainda é considerado uma criança que precisa ser educada”. Esta interpretação é para nós tão significativa, porque representa de facto uma parte importante da pedagogia africana. De igual modo, é preciso perceber que para o africano a pedagogia não se

resume simplesmente em actividades didácticas ou na educação formal, pois, para os Bantu, a pedagogia é um conjunto de acções aglutinada numa série de rituais, onde um homem é preparado para servir ou assegurar uma responsabilidade na comunidade.

Ademais, entendemos que no *Dilongo*, transmitindo-se valores, está se exercer a pedagogia. Se na perspectiva ocidental a pedagogia “é o estudo da educação ou estratégia que consistem na preparação do indivíduo, visando a sua integração na sociedade” (Mateus, 2012), consideramos que o *Dilongo* é uma escola, porque nela o indivíduo é estrategicamente preparado para sua integração e adequação comportamental ao meio social ou comunidade que o circunda, passando nas mãos de um mestre, o Nganga Yota, o professor que o capacita, a fim de se torna num verdadeiro agente de transformação social, além de ser um bom esposo. Outrossim, quando Mabanza, aponta para a impureza de quem não é circuncidado, chama-nos atenção a relação entre a pedagogia Bakongo e judaica, porque entre os judeus a circuncisão tinha um significado além do corte do prepúcio. Era sinal do pacto entre Deus e o seu povo. Assim sendo, a Biblion (s.d.) aponta o seguinte:

A circuncisão era um antigo ritual judeu que envolve a remoção do prepúcio dos meninos. Ela tinha vários significados. Primeiro, era um sinal de uma aliança especial entre Deus e o povo de Israel, iniciada com Abraão. Deus pediu a Abraão e sua descendência que se circuncidassem como um símbolo dessa aliança. Em segundo lugar, a circuncisão também tinha um significado espiritual. Ela representava a necessidade de pureza e obediência a Deus (para.1-5).

Nesta afirmação, compreende-se que a circuncisão nunca foi mero corte do prepúcio, mas o exercício da própria pedagogia. A obediência é um suporte ou valor educativo que determinava a relação entre o homem com Deus e, como tal favorecia-se neste aprendizado uma relação de respeito hierárquico na tradição judaica entre os homens, já que alguém que aprende ser obediente não deixa de ser, excepto em situação em que os superiores atentem contra a dignidade de quem se espera obediência.

Assim sendo, há aqui um paralelismo entre a circuncisão judaica e Bakongo, porque ambas favorecem o exercício pedagógico, porquanto, o Nganga Yota, vai ensinar também aos Kuda, valores sobre respeito mútuo, Higiene, obediência, amor ao próximo, hábitos moderados para não atentar contra a dignidade do seu próximo, bem como, assegurar uma aliança pelo Nzamby a Mpungo, o que Deus todo-poderoso que está presente em todos os rituais africanos. No que concerne a educação sobre higiene, neste ritual o Mabanza deixou uma frase muito comum na sua tribo: “*a miazzi na mikola, a muntu kia Kazengwa, lendi vaika menga maingi yetu lendi fwa*”, que traduzido quer dizer o seguinte: “quando as veias da criança for rija ou já de um adulto pode causar hemorragias e contrair infeção e pode levar a morte”. Esta frase quer dizer que um adolescente deve ser circuncidado, porque sua higienização e cicatrização poder melhor, mas quando adulto, poder ser um perigo, porque sua pele é resistente. Por outro lado, o entrevistado Mwanza (pseudónimo), reiterou o seguinte:

No advento da circuncisão, os meninos são isolados da comunidade durante algum, ficam escondidos na mata (*zembuele zembo*) a tocar batuque e dançar, aguardando pelo dia do corte do prepúcio, mas quando chega a data circuncisão, são submetidos a cirurgia pelo Nganga Yota e o corte do prepúcio é feito com um capim afiado de conhecido por Kiwewe. O mestre enrola um fio de capim no pênis na parte do prepúcio e faz um movimento circular de uma forma rápida e única que deixa o prepúcio no chão e o *Sutu* torna-se *Kuda*. Aqui aprendem sobre a cultura, como pode viver como uma mulher. Demoram até a ferida curar. Ao sair do Yota, os *Kuda* têm autorização para ter mulher, trabalhar como responsável. No bairro são recebidos com festa e ninguém vai à lavra por ordem do Rei -soba. Na sequência um Chinganji, que é o homem mascarado começa a dançar e tocar batuque. O soba mastiga cola (macazo), mete *maruvo* na boca e começa a expulsar para rosto dos *Kuda* como sinal de bênção e baptismo para vida adulta e responsabilidade social.

Nesta intervenção entende-se que a circuncisão Bakongo é um dos grandes elementos da pedagogia africana, pois, representa valores e, neste caso, além de possibilitar o corte do prepúcio, constitui um conjunto de orientações que vai integrar e orientar o comportamento do indivíduo na comunidade. Ademais, quem se circuncisa alcança a pureza física e espiritual a medida que sua conexão com Nzamby é feita de uma forma mais nobre e a comunidade não o rejeita, porque transitou do estado impuro para o estado puro. Este ritual é tão importante que uma mulher não aceita conviver com um homem se este não estiver circuncidado, tal como afirma Mwanza:

Existe casos em que uma menina quando for conquistada e estiver interessada no rapaz, exige que o mesmo mostra a ponta do pênis para ver se ainda não é sutu. As vezes os próprios pais quando se apercebem que há um bom menino que foi circuncidado, pedem aos familiares do menino para ser futuro noivo da filha, porque quem é circuncidado está aprovado para vida, é adulto e agrega valores que favorecem a convivência social. Ele esteve no Yota, por isso, foi educado o suficiente para cuidar da esposa e respeitar a comunidade. As vezes os pais do menino fazem mesmo propaganda, dizendo o meu filho já passou lá, publicitando na comunidade para gerar concorrência ao filho, porque o filho circuncidado dignifica os pais, mas o *sutu* até a sua família é uma vergonha para comunidade. Não é qualquer pessoa quem alcançar o nível de circuncidado, porque além da idade adolescente ser uma das condições, é necessário que os pais reúnem outras, tais como: cabritos, galinhas, patos, fubá, frutas e outras, porque depois de saírem do Yota, a festa será grande.

Tal como além de matricula ou conseguir uma vaga na escola, os pais devem reunir cadernos, lápis, esferográficas, borrachas, batas, transportes e outras condições para formação do filho e, dão festa após a graduação dos mesmos, no Dilongo, escola da circuncisão também acontece o mesmo. A diferença consiste no seguinte: o Dilongo o que é um dos espelhos da pedagogia africana e a situação referida acima é aparentemente um elemento da pedagogia ocidental², mas a semelhança consiste no facto de que ambas situações, o indivíduo sai graduado para exercer uma função social. O perfil de saída será uma preparação que faz do homem um protagonista do desenvolvimento e transformação da sua comunidade.

Outrossim, Mwanza ainda acrescenta que na minha região Bakongo, Negage, quem não ser circuncidado o filho ao nascer morre ou fica deficiente, porque não cumpriu com o ritual deixado pelos nossos ancestrais. Isto é para nós uma espécie de *mito*, porém, seu propósito é também desenvolver a o *sentimento de medo* e obediência aos rapazes, porque nas sociedades onde não impera o Direito Positivo ou Convencional, os mitos fazem, também este papel, reduzir o instinto animal ou de desordem no ser humano. Por isso, mais do discutir conceitos e uma educação formal, a pedagogia africana, é uma amplitude de ações que moderam os hábitos, combatem os vícios e possibilitam uma convivência saudável entre os homens. Por isso, a circuncisão Bakongo, com a sua força e e múltiplos significados se transforma num dos mais ricos elementos da pedagogia africana.

Finalmente, Sambula (pseudónimo), afirmou que devido “o colonialismo, este ritual está a desaparecer. As igrejas cristãs ensinam que tem de circuncisar crianças e no hospital. Consideram nossos rituais como sendo feitiço e nossos filhos já não estão a recebera devida educação sexual e, muitos até por inexperiência fazem sexo promiscuamente”. Esta resposta chamou atenção, porque a colonização matou de factos os nossos valores e desconstruiu o poder da pedagogia africana, por meio de estruturas sociais e religiosas. Mais do fomentar o resgate da cultura e educação africana, as igrejas tendem as vezes reduzir sua força e impacto às novas gerações, o que tem produzido, relativamente, uma geração de jovens com um fraco carácter e educação.

²Pese embora existem vestígios que o primeiro modelo de escolas que o ocidente ensina ao mundo, é de origem negra egípcia, pois, vários filósofos testemunhas e foram alunos das grandes academias deste império fluvial africano.

Tal vez qualquer pessoa se perguntaria como esse entrevistado foi capaz de dizer isso se África é um dos continentes onde há muita poligamia? Portanto, importa realçar que poligamia não é promiscuidade e nem prostituição, porque é, também, a base de uma relação conjugal oficializada e respeitada, no contexto cultural africano. A promiscuidade é quando uma pessoa, seja comprometida ou não, realiza atos sexuais de forma desordenada e desrespeitada. E, o menino que não passa no Dilongo, não aprendem o suficiente sobre educação sexual, por isso, acha que todo ato sexual é legítimo. Hoje muitos meninos engravidam precocemente, porque muitos deles não passaram no Dilongo, Evamba e Ekwendje, onde a pedagogia reina e homem aprendem sobre responsabilidade e respeito a si e as outros, como fundamento para o seu enquadramento e interação social.

Outrossim, no hospital, a enfermeira não ensina sobre sexualidade, até porque bebê não desenvolveu cognitivamente o suficiente para compreender este fenômeno. Cresce se vendo circuncisado e, achando que já está preparado para penetrar o seu pênis em um órgão genital feminina, numa sociedade, onde muitas famílias ainda vejam a educação sexual como sendo tabu, porque compreendiam como sendo responsabilidade exclusiva do Dilongo. Todavia, os meninos não terão cuidado sexual, engravidam muitas miúdas, negam a paternidade como mecanismo de defesa, assume que é ainda criança depois de engravidar e, as vezes mesmo sendo adulto, ainda apresentam nível baixo de educação sexual, porque não passou no Meseka, onde a pedagogia africana, flui suavemente nos ouvidos dos Kuda, tornando-os aptos para os desafios da vida.

Conclusão

Com os dados obtidos concluiu-se que o Dilongo ou circuncisão Bantu é um exercício pedagógico, porque está voltada para formação do indivíduo, visando a sua integração na sociedade. Entendemos também que na tradição oral e cultura africana, a pedagogia se expressa por meio de múltiplos rituais que transformam a mente e tornam o homem mais hábil para vida. Por isso, o *Dilongo* constitui também uma escola para vida, pois, mais do que ensinar a ser homem e ter esposa, preparam o indivíduo para dar resposta aos desafios da vida social. Ademais, a pesquisa demonstrou que há um paralelo pedagógico entre o ritual de circuncisão Bakongo e judeu, a medida que ambas representam a pureza e a consolidação de uma relação entre o muntu e Nzamby (pessoa e Deus), o que o torna digno de ser chamado um *Manzamby* ou *Mwana Nzamby* (pertencente a Deus ou filho de Deus).

O estudo mostra também que no *Dilongo* aprende-se a obedecer e respeitar os superiores hierárquicos e comunidade, valores que podem manter a coesão e salubridade social. De igual modo, compreendeu-se que o corte do prepúcio, não o suficiente para completar o *Dilongo*, porém, o Ngana Yota e o Maseka, tornam este ritual numa escola, onde além da sexualidade, os *Kuda*, aprendem habilidades que lhes permitirá revolucionar o seu meio por meio do trabalho.

Por consequente, aferiu-se que o colonialismo reduziu a essência da pedagogia africana no contexto da circuncisão Bakongo, porque passaram a substituí-la pelos hospitais e, as igrejas (o outro baluarte da colonização), o que fragilizou este ritual e incentivou os nativos a abandonarem, matando uma das maiores fontes da educação sexual, solidariedade e respeito no contexto africano. Finalmente, concluiu-se que a pedagogia em África é mais do que discutir conceitos, pois, corresponde um espaço de orientação e construção da personalidade do muntu (indivíduo).

Referências Bibliográficas

Altuna, R. R. A. (1985). *Cultura tradicional Bantu-Angola*. Lisboa: Fantix.

Altusser, N. S. (2002). *A arte da relação interpessoal*. Lisboa: UEL.

Alves, C. M. V. (2010). *O insucesso escolar em Língua Portuguesa: um estudo de caso*. Mestrado em ciências da educação, Escola Superior de Educação João de Deus.

- Alves, L. R. (2013). *O desenvolvimento de destrezas de escrita em estudantes de português língua estrangeira: componentes lexicais, gramaticais, gráficas e pragmáticas: Dissertação de Mestrado*, Minho: Universidade do Minho.
- Bíbliaon (s.d.) Circuncisão na Bíblia e o seu significado. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/circuncisao/>
- Cervo, A. L. & Bervian, P. A. (2002). *Metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall.
- Estermann, C. (1960). *Etnografia do Sudoeste de Angola*. Lisboa: Junta de informação.
- Estermann, C. (1983). *Etnografia de Angola: Sudoeste e Centro*. Lisboa: Junta de informação.
- Figueiredo, A.M. & Figueiredo, F. O. (2011). *Teoria da amostragem: apontamentos teóricos e exercicios complemnetares de estatistica*. Porto: UP.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e Técnicas da Pesquisa Social*, 5ª ed., São Paulo: Atlas.
- Gollaher, D. L. (2000). *Circuncisão: a história cirúrgica mais controversa do mundo*. New York: Basic Books.
- Kauark, F. S., Manhães, F. C. & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da Pesquisa: Um Guia Prático*, Bahia: Via Litterarum.
- Madeira, S. P. (2006). *Ritual Feminino de iniciação*. Porto: Plural Editores.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*, São Paulo: Atlas.
- Munro, A. (2012). *Estudos históricos e pedagógicos*. Lisboa: Raiz Editora.
- Mateus, G. C. (2012). *Pedagogia do Conceito*. (Dissertação de Mestrado) Universidade da Beira Interior.
- Nkondo, M. (2015). *Circuncisão masculina como acto de virilidade para o povo*. Luanda: Clube K. Retirado de: https://www.clubk.net/index.php?option=com_content&view=article&id=20661:circuncisao-masculina-como-acto-de-virilidade-para-o-povo-bantu-akutankondo&catid=17:opinioao&Itemid=124&lang=pt
- Oliveira, M. F. (2011). *Metodologia Científica: um manual para a realização de pesquisas em administração*. Catalão: UFG.
- Prodanov, C. C. & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*, Rio Grande do Sul: Editora Feevale.
- Silva, A. R. (2006). *Fimose e Circuncisão*. *Acta Urológica*. Rio de Janeiro: JAR.
- Silva, E. L. & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4ª ed. Florianópolis: UFSC.
- Thornton, N. (2012). *Ritos e lendas urbanas*. Porto: Porto Editora.
- Vergara, S. (2000). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas.